

O ANTIGO HOSPITAL PORTUGUÊS (1866-1931)

Do livro “A Medicina Baiana nas Brumas do Passado / Arquivos / Séculos XIX- XX /Aspectos Inéditos”. Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins / Arquivos / Britto ACN. 1ª edição. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 229p., 2002.

Antonio Carlos Nogueira Britto - Professor Honorário da Faculdade de Medicina da Bahia – Universidade Federal da Bahia; Vice-presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins.

No remansado monastério da Sagrada Família, no alto do Bonfim, em Salvador, religiosos e leigos católicos erram, nos dias atuais, através dos seus labirínticos corredores, contemplativos e enlevados, no exercício de forte experiência de Deus, durante retiros espirituais.

Nos tempos pretéritos, de setembro de 1866 até junho de 1931, ali funcionava o primitivo Hospital Português.

No meado do século XIX, a laboriosa colônia lusa idealizou, em Salvador, a “Sociedade Portuguesa Dezesseis de Setembro”, com finalidade caritativa, em um jantar “campestre”, realizado no “arrabalde da Victoria”, no dia 16 de setembro de 1856, criando-se a sociedade com 47 signatários no dia 1º de janeiro de 1857, na residência do cidadão Marcos José dos Santos, à rua Direita do Palácio, atual rua Chile, sendo o mesmo eleito presidente da primeira diretoria em 30 de março.

No dia 14 de agosto de 1859, foi aprovada definitivamente a fusão da “Sociedade Portuguesa Dezesseis de Setembro” com outra entidade, fundada a 20 de setembro de 1857, a denominada “Sociedade Portuguesa de Beneficência”, passando a novel associação, com a junção, a ser titulada de “Sociedade Portuguesa de Beneficência Dezesseis de Setembro”.

A outra agremiação, a “Sociedade Portuguesa de Beneficência”, foi fundada em assembléia levada a efeito na sala de sessões da Sociedade Monte Pio da Bahia, que funcionava na propriedade do Trapiche Gomes, à rua do Julião, n. 32, e tinha como finalidade celebrar o dia 16 de setembro, natalício de Sua Majestade, o Senhor D. Pedro V, além de remeter, mensalmente, donativos destinados às “Casas da Infância desvalida de Lisboa”, e de “proteger os seus associados, os portugueses indigentes, naufragados”, isto é, arruinados.

A diretoria para o exercício de 1863-1864, durante a inauguração de um pavimento inteiro, alugado em prédio da rua das Princesas, atual rua Portugal, no ensejo do descerramento do retrato de S. Majestade, El-Rei D. Luiz 1º, lançou a idéia de criação de um hospital para os “portugueses infelizes”, sendo feita, na oportunidade, uma subscrição entre os circunstantes, tendo a quantia subscrita elevada a perto de Rs.13:000\$000.

Durante a diretoria para o período de 1863 a 1864, o sócio Gabriel Osório de Barros apresentou proposta, aprovada pela assembléia geral, e autorizada pela diretoria, para a aquisição de um prédio destinado a instalação do hospital, tendo a diretoria do exercício de 1864-1865, comprado, no alto do Bonfim, um edifício pela quantia de Rs.16:000\$000, adquirido aos herdeiros do Dr. Evaristo Ferreira de Araujo. O engenheiro civil, Ladislau Videck, húngaro, projetou a planta do hospital, que teve a sua

construção iniciada, sob a supervisão do diretor José da Silva Bastos, e inaugurado em 16 de setembro de 1866, custando as obras Rs.47:467\$765.

À abertura do Hospital Português estiveram presentes o arcebispo D. Manoel Joaquim da Silveira, o vice-presidente da Província, Dr. Pedro Leão Veloso, o intendente da Marinha, o consul de Portugal, comendador Augusto Peixoto, Barão do Rio Vermelho, presidente da Câmara Municipal e toda a colônia, sendo celebrada missa solene na capela.

O Dr. José Alves Cardoso da Silva foi contratado para médico efetivo do hospital, ao qual já atendia gratuitamente desde agosto de 1864, com o ordenado de Rs.1:200\$000, com a obrigação de efetuar visitas diariamente ao estabelecimento, percebendo mais por dia a quantia de Rs.1\$000 para cada pensionista de 1ª classe.

Para médicos adjuntos foram indicados os Drs. José Francisco da Silva Lima e John Ligertwood Paterson.

A diretoria para o exercício de 1869 a 1970 resolveu alinhar e embelezar a entrada do hospital. Concluída a praça em frente à entrada do hospital e disposta a rua, em linha reta, foram oferecidas à municipalidade para uso público, sendo denominada a praça em tela de “Praça de Bragança”.

A diretoria de 1870-1871 contratou os fabricantes de ferro da Jequitaiá para o gradeamento e portão principal, sendo promovida subscrição para comprar as estátuas, que ornamentam a entrada principal, que custaram Rs.14:000\$000, incluindo outras obras.

O Hospital Português, situado no centro de uma chácara, media 25 metros de frente, por 20 metros e 50 centímetros de largura e 17 metros de altura, circundado por um bem tratado jardim. No 1º andar encontrava-se a capela, sala de visitas, a enfermaria S. José, despensa, cozinha e sanitários. No 2º andar estavam instalados o salão nobre, as enfermarias de Santo Antonio e Santa Isabel, 6 quartos de pensionistas, salão de leitura e aparelhos sanitários, além de quartos para empregados, localizados externamente.

Eram atendidos gratuitamente os sócios “desvalidos”. Os pensionistas de 1ª e 2ª classe pagavam uma diária de 5\$000 e 3\$000, respectivamente. A critério da diretoria, eram admitidos também portugueses e brasileiros “desprotegidos da sorte”.

O pessoal do hospital era composto de um administrador, um enfermeiro, um cozinheiro, um jardineiro e dois serventes, além de um capelão contratado.

Em 1884, o diretor Dr. José Alves Cardoso da Silva solicitou afastamento da chefia do hospital, para dar lugar ao seu filho, Dr. Antonio Cardoso e Silva, que permaneceu no cargo até 7 de março de 1913, data do seu falecimento. O Dr. Fernando Luz foi convidado para substituí-lo, já vindo prestando gratuitamente os seus serviços desde o ano de 1910, sendo efetivado em 28 de abril de 1913.

De 1866 até 1930, os seguintes médicos prestaram inestimáveis serviços ao Hospital Português: Dr. José Francisco da Silva Lima (1866-1903); Dr. Paterson (1866-1879); Dr. Augusto Freire Maia Bittencourt (1875-1876); Dr. Moura Brasil (1875); Dr. Francisco dos Santos Pereira (1875-1904); Dr. Antonio Pacifico Pereira (1875-1881); Dr. Virgilio Climaco Damazio (1881-1890); Dr. Manoel Vitorino Pereira (1883-1895); Dr. José Joaquim Ribeiro dos Santos (1888-1906); Dr. Braz Hermenegildo do Amaral (1890-1895); Dr. Pedro Emilio Cerqueira Lima (1890-1906); Dr. Julio Adolpho da Silva (1890-1901); Dr. Lydio de Mesquita (1897-1905); Dr. Raul Costa (1897); Dr. Francisco Cardoso e Silva (1898-1899); Dr. João Gustavo dos Santos (1899); Dr. Clodoaldo de Andrade (1899-1913); Dr. Guilherme Marback (1899); Dr. Carlos Freire de Carvalho (1902-1906); Dr. Oscar Teixeira (1906-1913); Dr. Antonio Pacheco Mendes (1913-1916); Dr. Eduardo Rodrigues de Moraes (1913-1916); Dr. Octavio Torres (1913-1930); Dr. Alberto do Rio (1916-1930); Dr. Herval Chaves (1916); Dr.

Alfredo Boureau (1924-1930); Dr. Colombo Spínola (1924-1930); Dr. Mathias Bittencourt (1927-1930).

Durante o período de 1896 a 1930, foram internados no primitivo Hospital Português, cerca de 2.642 doentes com paludismo, afecções dos aparelhos respiratório e circulatório, doenças venéreas e sífilis. Dos 175 casos de cirurgia, são dignos de registro: 5 enucleações de catarata, uma realizada em 1875 pelo Dr. Moura Brasil e as outras em 1879 e 1900, pelos Drs. Santos Pereira, João Gustavo dos Santos e Ribeiro dos Santos; ligadura de artéria em um caso de aneurisma da femural, em 1882, pelo Dr. Antonio Pacifico Pereira; plástica em elephantíasis do escroto, pelo Dr. Manoel Vitorino Pereira, em 1903, um dos pioneiros da cirurgia plástica e reconstrutora, na Bahia; plástica em um caso de polidactilia, pelo Dr. Manoel Vitorino Pereira, em 1895; uma safenectomia, uma orquectomia, um tireoidectomia, uma apendicectomia e uma operação de White-Head, realizadas pelo Dr. Fernando Luz em 1913, 1914, 1917 e 1929, respectivamente.

Em 1927, a diretoria reconheceu a necessidade da edificação de um hospital exemplar no centro da cidade e em 1928 entrou em entendimento para adquirir um terreno ao Corredor da Vitória, antigo Colégio Sebrão, com o prédio em ruínas, de difícil recuperação. Pretendeu-se, ainda, comprar uma casa à Vitória, pertencente ao Sr. José Joaquim Fernandes Dias e um terreno à avenida Araujo Pinho, pertencente ao Sr. Antonio Carlos de Soveral. Finalmente, foi efetuada a compra do palacete José de Sá, na avenida Princesa Isabel, n. 2, adquirido de D. Maria Teixeira Ribeiro de Sá. O referido palacete era muito bem construído e amplo, em vasto terreno e localizado num ponto assaz central. A escritura definitiva foi passada em 22 de agosto de 1930.

Após o parecer técnico favorável do Dr. Fernando Luz, foram iniciadas as obras de adaptação, surgindo o embrião do moderno e elegante edifício do atual Hospital Português, que tantos benefícios tem prestado à sociedade baiana desde 7 de junho de 1931, data da sua inauguração.

BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

Magalhães, Comendador José da Costa et Bittencourt, Dr. Mathias Mariani – “Real Sociedade Portuguesa de Beneficência 16 de Setembro – 1857-1957 – Um Século de Existência” – Tipografia Manú Editora Ltda – Bahia – 1957.

DOCUMENTOS MANUSCRITOS ORIGINAIS

Arquivo Público do Estado da Bahia – Guia do Império da Seção de Arquivo Colonial e Provincial – Maço 1575.